

SOBRE FENOMENOLOGIA, FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E ENFERMAGEM PSIQUIATRICA

**ABOUT PHENOMENOLOGY, EXISTENTIAL PHENOMENOLOGY
AND PSYCHIATRIC NURSING**

**ACERCA DE LA FENOMENOLOGIA, FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL
Y ENFERMERIA PSIQUIATRICA**

MARCIA BUCCHI ALENCASTRE*

RESUMO

No texto são resgatadas algumas idéias de estudiosos da fenomenologia e da fenomenologia existencial que o autor considera que podem clarear e apoiar questões das relações humanas para a enfermagem e, em especial, para a enfermagem psiquiátrica.

São feitas considerações sobre o movimento fenomenológico, a postura fenomenológica, o movimento analítico existencial, que trouxe contribuições valiosas para a psicologia e psiquiatria e que se propõe, fundamentalmente, a analisar a estrutura da existência humana.

Palavras chaves: Fenomenologia, fenomenologia existencial e enfermagem psiquiátrica.

ABSTRACT

The study is based on ideas from studies on phenomenology and existential phenomenology that the author considers that can support human relationships in nursing, especially, psychiatric nursing.

The phenomenological movement, the phenomenological posture, the analytical existential movement that brought valuable contributions to psychology and psychiatry and that basically propose to analyze human existence, are emphasized.

Keywords: Phenomenology, existential phenomenology, psychiatric nursing.

RESUMEN

En el texto son rescatadas algunas ideas de estudios de la fenomenología y de la fenomenología existencial que el autor considera que pueden aclarar y apoyar cuestiones de las relaciones humanas para la enfermería, especialmente, para la enfermería psiquiátrica.

Son hechas consideraciones acerca del movimiento fenomenológico, la postura fenomenológica y el movimiento analítico existencial, los cuales han traído contribuciones importantes para la psicología y psiquiatría y que, fundamentalmente, se propone analizar la estructura de la existencia humana.

Palabras claves: Fenomenología, fenomenología existencial y enfermería psiquiátrica.

*Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

INTRODUÇÃO

A enfermagem psiquiátrica tem como preocupação central a relação humana. Muitos aspectos da relação humana foram pensados por filósofos e estudiosos da fenomenologia e da fenomenologia existencial. Acredito que o resgate dessas idéias pode clarear e apoiar as questões das relações humanas na enfermagem.

Em meu trabalho de doutorado iniciei esse processo de reflexão tecendo algumas considerações sobre a fenomenologia, suas idéias básicas e a enfermagem psiquiátrica (ALENCASTRE, 1990). Mais recentemente, juntamente com Boemer, publiquei um artigo sobre o referencial da fenomenologia para a prática de pesquisa, onde procuramos explicitar algumas de suas idéias diretrizes para o pesquisador iniciante (BOEMER; ALENCASTRE, 1996). Nesse momento, proponho-me a focalizar alguns pontos abordados pela fenomenologia existencial que considero significativos para a enfermagem psiquiátrica, especialidade da enfermagem que tem ainda muito a caminhar, tanto em seus aspectos assistenciais quanto em relação ao ensino e pesquisa.

Edmund Husserl (1859-1938) é considerado a figura central do movimento fenomenológico, cujo objetivo primeiro é a investigação direta e a descrição dos "fenômenos" como eles são experienciados (vivenciados) conscientemente, sem teorias sobre sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos não examinados. Esse movimento se iniciou a partir da primeira década de nosso século, e em seu desenvolvimento passou a incluir diferentes enfoques da fenomenologia, entre os quais a Fenomenologia Pura ou Transcendental, de Husserl; a Fenomenologia das Essências; a Fenomenologia Hermenêutica, de Martin Heidegger e a Fenomenologia da Existência, na França (MARTINS, 1988).

Como reafirma CAPALBO (1996), a fenomenologia terá compreensões diversas em Hegel, Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty. Todos porém conservarão a postura fenomenológica. Ela nos convida a

deixar que as essências se manifestem na transparência dos fenômenos, não transformando, não alterando a originalidade dos mesmos. A fenomenologia não possui uma ortodoxia. Ela se questiona constantemente, diversifica-se mas, fundamentalmente, tenta conservar a unidade de sua atitude metodológica. Faz-nos abandonar uma visão dogmática e absoluta, por reconhecer que tal visão é uma entre outras possíveis. Ela nos faz adotar um certo relativismo de perspectivas várias, que confluem para a compreensão da realidade e das verdades, mas que são sempre interligadas à posição e à situação em que estamos inseridos, quer do ponto de vista da percepção, do meio social ou intelectual, do meio sócio-cultural, histórico ou religioso. Ela instaura a atitude dialogal e do acolhimento do outro em suas opiniões, idéias e sentimentos, procurando colocar-se na sua perspectiva para compreender e ver como o outro vê, sente ou pensa. Essa afirmação traduz uma orientação metodológica para as ciências humanas: a da compreensão dos fenômenos.

A influência do movimento fenomenológico, desde sua fase preparatória (Franz Brentano, Carl Stumpf), através de sua fase germânica (Edmund Husserl, Martin Heidegger) e francesa (Gabriel Marcel, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty) não se fez sentir apenas no pensar filosófico. Ao mesmo tempo que essa filosofia fenomenológica foi se desenvolvendo, um paralelo foi ocorrendo entre terapeutas –psiquiatras e psicólogos– da Europa, que mais tarde constituíram o movimento analítico existencial ou Daseinanalyse (COHEN, 1987).

Segundo MAY, ANGEL e ELLENBERGER (1977), algumas dúvidas inquietantes agitavam os terapeutas. Questionavam sobre como podemos estar seguros de que vemos o paciente como verdadeiramente é, de que o conhecemos em sua própria realidade; ou se estamos projetando sobre ele nossas teorias. E ainda, como podemos saber que estamos vendo o paciente em seu mundo real, esse mundo em que "vive, se move e existe" e que é para ele um mundo à

parte, concreto e diferente de nossas teorias gerais de cultura. Para BINSWANGER (in RUITENBEEK, 1965) a análise existencial deve sua origem e desenvolvimento a uma tentativa de conseguir uma nova compreensão científica dos problemas da psiquiatria, da psicopatologia e da psicoterapia, fundamentada na análise da existência desenvolvida por Heidegger, que se baseia na concepção de que não se pode compreender o homem em termos de alguma teoria, seja mecanicista, biológica ou psicológica, e sim em termos de uma elucidação fenomenológica da estrutura total ou da articulação total da existência como ser-no-mundo.

Essa visão se produziu espontaneamente em diversas partes da Europa, em diferentes escolas e possui um quadro particular de investigadores e pensadores criativos. Numa primeira fase (fase fenomenológica) podemos citar E. Minkowsky, E. Straus, F.V.E. Von Gebtsatell e em uma segunda (fase existencialista) L. Binswanger, A. Storch, M. Boss, G. Bally, R. Kuhn, J.H. Van Den Berg e F.J. Buytendijk. O movimento analítico existencial se propõe fundamentalmente a analisar a estrutura da existência humana, e este é um empenho que, se obtiver êxito, ajudará a compreender a realidade latente em todas as situações dos seres humanos em crise (MAY; ANGEL; ELLENBERGER, 1977). De acordo com FORGHIERI (1984), esse movimento alicerçou-se principalmente nas idéias de Husserl, Heidegger e Buber.

Para CAPALBO (1996), as primeiras aplicações da fenomenologia de Husserl à psiquiatria foram feitas por Karl Jaspers, em 1913, para o qual a fenomenologia é o ponto de partida inicial para se chegar à compreensão dos fenômenos psicopatológicos em sua vivência psíquica individual. Para ele, a fenomenologia é um procedimento concreto, que visa a unidade real em sua totalidade de existência-essência. A partir de então, aproximações entre a fenomenologia e a psiquiatria têm sido feitas por CAPALBO (1996) em alguns de seus textos.

O movimento analítico existencial, que trouxe contribuições valiosas para a psicologia

e psiquiatria, é tão complexo como o movimento fenomenológico e não é possível descrevê-los aqui. O importante, neste momento, é considerar algumas de suas idéias que para mim, enfermeira-docente de enfermagem psiquiátrica, fazem sentido.

Husserl nega a existência tanto do sujeito quanto do mundo, como puros e independentes um do outro. Afirma que o homem é um ser consciente e que a consciência é sempre intencional, pois não existe independentemente do objeto, é sempre consciência de algo. Assim, também o mundo não é em si, mas é sempre um mundo para uma consciência. Nega tanto a pura subjetividade quanto a pura objetividade. Propõe um "voltar às próprias coisas" ou às raízes do conhecimento, ao fundamento do inegável, que é a intencionalidade da consciência, ou o fenômeno. Este só pode ser encontrado no mundo vivido, que é a experiência básica, primordial do ser humano; ela é pré-reflexiva e anterior à separação entre consciência e objeto e entre sujeito e mundo. (FORGHIERI, 1984).

Husserl distingue dois tipos de conhecimento: o objetivo, que se dá através da percepção objetiva e o categorial, que se dá pela percepção categorial. A percepção objetiva é própria da investigação reflexiva na qual o sujeito estabelece uma distância em relação ao objeto e procura analisá-lo em suas características, elementos e funções parciais, e é a percepção própria das ciências da natureza. A percepção categorial é imediata, espontânea, pré-reflexiva, própria da vida cotidiana, do vivenciar imediato; nela não há separação entre consciência e objeto e este é captado na sua totalidade, pela intuição. Ela assimila uma realidade básica, primordial, total, anterior à reflexão e é a percepção própria das ciências do homem (FORGHIERI, 1984).

Heidegger considera que antes da consciência existe o próprio homem, que ele denomina de "Dasein" e que só a partir dele é que podemos falar de consciência. O que caracteriza essencialmente o "Dasein" é ser-no-mundo, estrutura que é captada pelo

homem no seu próprio existir. O existente só pode se compreender em sua relação com o mundo, relação na qual cria o mundo, ao mesmo tempo em que é criado por ele. O mundo independente dele, existindo por si mesmo, só aparece através de sua reflexão; o que há primordialmente é o mundo para ele. Chama de "Befindlichkeit" o modo de existir básico, primordial do ser humano. Ele abrange numa totalidade a afetividade (ou humor), que é o sentimento da pessoa na situação; a compreensão, que é uma forma de conhecimento anterior ao raciocínio, pois é vivida, em lugar de ser pensada e a expressão (ou linguagem) que é a articulação da compreensão. Antes do raciocínio, da reflexão, encontra-se o "Befindlichkeit", que é o meu existir como totalidade, anterior a qualquer separação entre eu e o mundo. Segundo Jolivet, com Heidegger reapareceram as idéias contestadoras de pensadores existencialistas do século passado. Depois de muitos anos e duas guerras mundiais, que trouxeram ansiedade e insegurança entre os homens, foi que os protestos desses pensadores ressurgiram e permaneceram com grande repercussão em todas as áreas do conhecimento, principalmente na literatura e nas ciências humanas (FORGUIERI, 1984).

Kierkegaard e Nietzsche, considerados por muitos autores como os principais iniciadores do movimento existencialista, já em sua época, 1844 e 1881, clamaram contra a objetividade e a neutralidade da ciência, considerando que o conhecimento só poderá ser alcançado no próprio existir do cientista. O objetivo do conhecimento não é nem o pensador nem a realidade em si, mas a realidade enquanto vivida pelo pensador. O meu existir é anterior ao meu pensar e é dele que devo partir para encontrar a verdade, uma verdade para mim, pela qual quero viver e morrer. A existência é instável, incerta e até mesmo contraditória. O homem não é algo pronto, e sim um conjunto de possibilidades que vai se modificando no decorrer de sua existência. Ele é livre para escolher entre as muitas possibilidades, mas sua escolha é vivenciada com inquietação, pois a materialidade de seu

existir não lhe permite escolher tudo, cada escolha implica a renúncia de muitas possibilidades. Nossa vida está repleta de aspectos que se opõem mas que são coexistentes. No decorrer de meu existir caminho, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente. Existir é estar em constante processo, indo sempre adiante, caminhando para um futuro que se abre diante de nós, com possibilidades imprevisíveis e incontroláveis (FORGHIERI, 1984).

Martin Buber, contemporâneo de Heidegger, afirma que o homem apresenta duas atitudes básicas ou duas maneiras de existir ou ser-no-mundo que se expressam através das palavras Eu-Tu e Eu-Isso. Na atitude Eu-Tu, o ser humano existe numa totalidade, numa completa integração no mundo, enquanto em Eu-Isso há um distanciamento, uma separação entre ambos. A atitude Eu-Tu é básica, primordial, anterior ao Eu como ser consciente e ao Isso como o mundo que existe independente dele. O que caracteriza a maneira de ser Eu-Tu é o envolvimento, a integração; a separação é própria do Eu-Isso. Vivemos numa alternância entre essas duas atitudes, sendo que a maior parte do tempo permanecemos em Eu-Isso, pois o Tu dura apenas alguns instantes, não conseguimos retê-lo (BUBER, 1979).

Buytendijk e Strasser chamam de encontro a comunicação de pessoas entre si em uma situação significativa para ambas. Alguns autores atribuem a descoberta do conceito de encontro a J.L. Moreno, que desenvolveu seu trabalho a partir da psicanálise freudiana, porém à margem da fenomenologia, o que deve ser destacado, uma vez que o sociodrama teve sua origem na idéia de um "encontro face a face". Publicou o livro "Convite ao Encontro" (1971) onde refere que encontro significa algo mais vivo e real que a expressão relação interpessoal, porque quer dizer que duas pessoas se encontram para viver e experimentar-se mutuamente, com toda sua força e sua debilidade, conscientes de seus objeti-

vos comuns. Na situação psicodramática a relação não se desenvolve em um só sentido, é um encontro entre duas pessoas (ASTIVERA, 1983).

Na psicologia existencial, embora o encontro suponha uma relação recíproca, reciprocidade não significa necessariamente simetria. A coexistência não é a comprovação de várias existências dadas simultaneamente em um intervalo espaço-temporal. Ao contrário, coexistir é uma situação originária onde o "com" não é agregado: é a condição básica dos existentes. O "com" é anterior, e não subsequente, é um dado inicial. O sentido da coexistência é a solidariedade que, para Minkowski, é uma noção mais adequada que a reciprocidade por ser mais profunda e original. Em síntese, existência autêntica é coexistência e coexistência é solidariedade (ASTIVERA, 1983).

Na inter-relação humana se realizam encontros entre as pessoas e estes encontros, das mais variadas naturezas, podem ser autênticos e inautênticos. No encontro autêntico, o homem está presente em sua essência, que é sua existência e a autenticidade do encontro se manifesta no olhar, no gesto, na mímica, no sorriso e até no silêncio. A comunicação ou a não comunicação das pessoas depende de que haja ou não encontro real entre elas. A palavra primordial Eu-Tu reflete a autêntica relação humana existencial. O modo de existir traduzido por Eu-Tu é basicamente uma relação de amor e corresponde ao que Buytendijk chama encontro autêntico. Buber sustenta que a verdadeira dimensão humana apenas existe autenticamente na relação Eu-Tu, que é, ao mesmo tempo, a condição essencial do diálogo. Por isso, para Buber, a essência da pessoa se dá somente na situação de diálogo, que de acordo com Buytendijk, é a expressão do encontro autêntico (ASTIVERA, 1983).

De acordo com Binswanger, a pessoa muda segundo os modos de sua existência, que pode ser dual, plural, singular e anônima. A existência anônima é o modo de viver do indivíduo imerso na coletividade, confundido no anonimato da massa. A

existência singular significa viver por e para si mesmo, é a relação de um homem consigo mesmo. A existência plural é o campo da competência e a luta com os demais, entre os demais. A existência dual corresponde ao encontro (ASTIVERA, 1983). Na forma dual de existir, na atitude Eu-Tu, o ser humano vivencia a si próprio e ao seu parceiro como unidos, integrados, livres de todas as particularidades. Ela constitui a verdadeira unidade, o "nós" originário, primordial. Nela o homem deixa, por instantes, de ser-no-mundo, para ser-além-do-mundo, na eternidade do amor. Boss também reconhece a relevância do amor na existência humana, concorda com a importância da forma dual de existir e considera tarefa intrínseca do homem cuidar de si, das coisas e de seus semelhantes, para que tudo quanto é possa realmente ser, possa alcançar um pleno desenvolvimento. Ele precisa assumir e aceitar responsabilmente todas as possibilidades que o constituem e desenvolvê-las, cuidando também das coisas e demais pessoas do mundo, só assim pode alcançar a plenitude de seu existir (FORGHIERI, 1984).

Van Den Berg (1973) procura mostrar a importância do conhecimento das percepções categoriais da pessoa, para que realmente possamos chegar a compreendê-la. Não se trata de captar a sua subjetividade, mas o modo como ela percebe os objetos, as pessoas e a si própria situada no mundo (FORGHIERI, 1984).

Percepção categorial, intuição, "Befindlichkeit", relação Eu-Tu, são expressões que se referem à mesma esfera humana: a de existir de modo integrado, imediato, pleno. O corpo, a inteligência e os sentimentos atuam de forma tão interligada que não é possível distingui-los. Além disso, o mundo, ou seja, os objetos, os animais, as pessoas e as situações também são vivenciados de modo integrado ao sujeito. Há entre ambos uma relação unificadora, ambos se constituem reciprocamente, não existindo por si próprios, mas um para o outro. Este é o modo de existir originário, primordial do ser humano, anterior a toda elaboração intelectual

que possa ser feita sobre ele, anterior a toda separação entre a pessoa e o mundo e entre as diversas particularidades do próprio indivíduo. É ele que dá origem às ciências do homem em geral, nos aspectos mais próprios do existente, aqueles que constituem a sua humanidade (FORGHIERI, 1984).

COHEN (1987) salienta que a abordagem apoiada fenomenologicamente tem sido usada com sucesso no trabalho clínico. Descrições são utilizadas para auxiliar os terapeutas a voltar seus olhares para ver o paciente como ele realmente é, conhecendo-o em sua própria realidade, ao invés de ver simplesmente uma projeção de suas teorias sobre ele. Isso é semelhante à visão de algumas estudiosas na enfermagem, que têm enfatizado a importância de entender as perspectivas dos pacientes como fundamental para prover cuidado de enfermagem apropriado.

Retomando a proposta deste texto de focalizar algumas idéias de estudiosos da fenomenologia e da fenomenologia existencial, penso que as mesmas fazem muito sentido para nós, que trabalhamos na enfermagem e, em particular, na enfermagem psiquiátrica, que alicerça toda sua prática nas relações humanas e se propõe ao cuidado do outro. A aproximação ao pensamento de filósofos e estudiosos do ser humano e de sua existência

pode nos auxiliar em nosso processo de amadurecimento e na compreensão de nós mesmos e dos outros com quem trabalhamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencastre, M. B. Como o pessoal auxiliar de enfermagem psiquiátrica vê o profissional enfermeiro: uma abordagem compreensiva. Ribeirão Preto, 1990. 85p. Tese (doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP.
- Astivera, A. O método fenomenológico nas ciências do homem. In: Metodologia da pesquisa científica. Trad. M.H.G. Crespo e B.M. Magalhães. 7ª ed. Porto Alegre. Globo, 1983, p.61-82.
- Binswanger, L. Analisis existencial y psicoterapia. In: Ruitenbeek, H.M., org. Psicoanálisis y filosofía existencial. Buenos Aires. Paidós, 1965, p:37-42. Original americano.
- Boemer, M.R.; Alencastre, M.B. O referencial da fenomenologia para a prática de pesquisa. Ciência y Enfermería. Revista Iberoamericana de Investigación. Concepción, Chile, II (1): 13-17, 1996.
- Buber, M. Eu e Tu. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 2ª ed. São Paulo. Cortez/Moraes, 1979. 170p.
- Capalbo, C. Fenomenologia e ciências humanas. 3ª ed. Londrina. Ed. UEL, 1996. 133p.
- Cohen, M.Z. A historical overview of the phenomenologic movement. Image: Journal of Nursing Scholarship. Indianópolis, 19 (1): 31-34, spring, 1987.
- Forghieri, Y. C. (Org). Fenomenologia e psicologia. São Paulo. Cortez/ Autores Associados, 1984. 143p.
- Martins, J. Introdução à fenomenologia. São Paulo, 1988 (Mimeografado).
- May, R.; Angel, E.; Ellenberger, H.F. Existencia (Nueva dimensión en psiquiatria y psicologia). Madri. Gredos, 1977. 523p. Original americano, 1958.